

# CORPO DE MULHER, CORPO DE DELITO?

Notícias publicadas pela Folha de São Paulo, nas reportagens de 6 a 12 de fevereiro, chocaram o país com as provas de que meninas são traficadas, escravizadas, violentadas, torturadas e assassinadas nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Foi impossível fazer de conta que se deviam ainda apurar os fatos, dado que as matérias denunciavam responsáveis, provavam o envolvimento das autoridades locais, mostravam o depoimento das vítimas e suas caras. Sob o peso da opinião pública internacional (a nacional não pesa muito), o presidente da República e o secretário da Polícia Federal foram obrigados a se pronunciar diante da cumplicidade do poder local, resultando na prisão de três donos de boate em Cuiú-Cuiú, no Pará.

Juntaram-se, nesse caso, dois fatos: a exploração de menores e de mulheres. Em ambos, apesar de todas as denúncias das entidades de defesa dos direitos humanos, das pastorais das igrejas e do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, não há, da parte do

aparelho de Estado, nenhuma iniciativa coibidora. Pelo contrário, quase sempre há autoridades envolvidas nos escândalos.

Mas, no presente caso, a ausência explícita e autojustificadora dos responsáveis envolvidos na trama chamou a atenção pela gravidade do ocorrido. Tal descaramento desvenda a certeza da impunidade e expressa uma cultura que toma posse do corpo e da vontade da mulher e os define a partir dos desejos masculinos. A declaração do coronel Francisco Abrão é, a propósito, exemplar: "As índias é que tentam estuprar os soldados quando estão no cio. Eu tenho que segurar meus soldados porque eles não podem se aproveitar dessa deficiência das índias."

As mulheres, assim, são presas de uma identidade definida como provocadora e deficiente por sua própria natureza, já que não são capazes de arcar com a responsabilidade que sua condição impõe. Se necessitam controle e vigilância e são tratadas com sarcasmo e

desconfiança nas suas iniciativas, sua escravização não é, nessa cultura, uma aberração tão grande assim.

A barbárie do caso expressa um imaginário social comum, que inclui donos de boates, traficantes, garimpeiros, índios, policiais e militares.

Sem o escândalo da idade das jovens, as mesmas justificativas que os envolvidos apresentaram aparecem como pertinentes em outros casos de violência contra a mulher. Basta ver as reportagens sobre os processos William Kennedy e Mike Tyson, as decisões judiciais sobre homens que assassinam ou estupram mulheres, a tranquilidade social diante das cantadas ameaçadoras das chefias nos locais de trabalho (tanto no campo quanto na cidade). Sob o escândalo que sobrevém do "exagero", aparece o escândalo de que o corpo da mulher é ainda território de exercício privado do poder dos homens.